

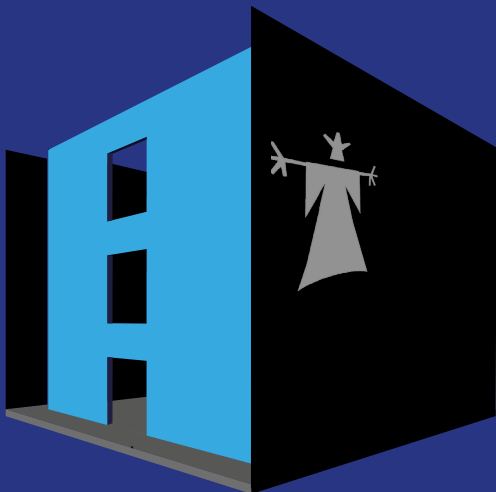
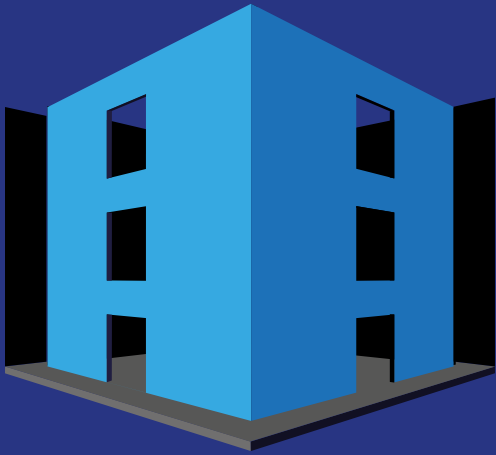
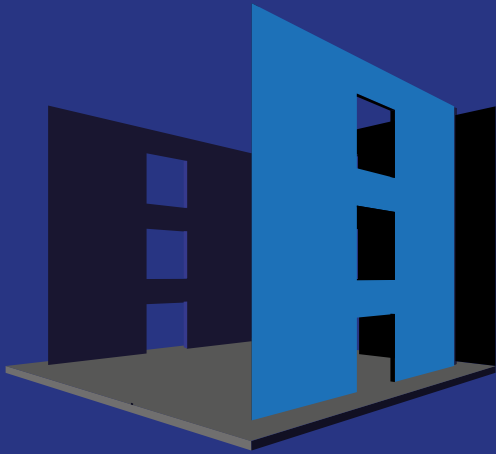
DEBATER O ESPAÇO, AS ARQUITECTURAS, O JOGO CÊNICO E A DEMOCRACIA

Partimos deliberadamente para a ideia de vir a ter como local de trabalho um espaço que reunisse as condições de criação e habitação diárias, oficinais e administrativas, técnicas e de silêncio, do fazer do teatro que queremos e fazemos, desde sempre de modo precário. É um modelo que pode conter os outros que a história conhece, na sua máxima abstracção, um espaço de paredes nuas como espaços de significação potenciais para uso cénico. Um teatro de palcos verticais e horizontais, paredes laterais, palco e teia, como um todo, de que cada criação tirará partido. As modalidades de relação entre a cena, as cenas, e a sala, as salas, serão ditadas caso a caso. Hoje em dia, cada criação inventa a sua arquitectura própria, a sua dimensão, o seu cenário. É esse o propósito. Fazer renascer o teatro, como um todo interdisciplinar, no parto de cada objecto em estaleiro, já que a repetição é em processo o seu destino regular, isto é, o ensaio e a maturação do objecto cénico, a passagem do mecânico ao sensível, do dramaturgício ao estético. E pensando que, de cada vez que construímos um objecto criativo, estamos a propor um modelo de relação, mais aberto ou mais fechado, mais estimulador do sujeito espectador enquanto ficcionador, ou mais “manipulador”, portanto mais ou menos democrático.

Em plena sociedade do espectáculo o nosso desejo é o de fazer da democracia um acto sensível concreto, algo que faz parte da troca enérgica e do sistema de tensões que cada criação/representação concretiza. Em boa verdade esses sistemas de tensão não partem de formas neutras e a democracia enquanto configuração e modelo de relação entre uns e outros, cidadãos, condicionamento, espectadores e actores, é algo sempre em causa, não um adquirido e por essa razão necessariamente laboratório — aqui não se propõe a inovação pela inovação a partir de um absoluto da cena, pelo contrário, idealiza-se uma relação de jogo entre partes, a cidade não é um destino, um conjunto de consumidores, é uma parte do jogo.

O Colóquio que aqui organizamos abordará estes temas segundo a visão de cada interventor. Essa riqueza diversa será o alimento necessário para o caminho que queremos trilhar com a invenção do nosso teatro, uma casa comum, uma causa comum.

FERNANDO MORA RAMOS



COLÓQUIO **TEATRO, ESPAÇO VAZIO** **E DEMOCRACIA** 15 | DEZEMBRO | 2018 **PROGRAMA**

COMUNICAÇÕES

- 15H00** **FERNANDO MORA RAMOS**
Intervenção de abertura
- 15H30** **JOÃO BONIFÁCIO SERRA**
Que fizemos do espaço público?
- 16H00** **ANA PAULA AMENDOEIRA**
Personas em tempos sombrios
- 16H30** **HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO**
“E isto em dizendo, fazendo” — o teatro enquanto espaço poético
- 17H00** **MARIA HELENA SERÓDIO**
Razões e consequências do livro de Peter Brook
O Espaço Vazio
- 17H30** **JEAN-PIERRE RYNGAERT**
Abertura de um teatro profissional e estudantil num *campus* universitário. Um espaço estranho no sistema francês no fim do século XX
- 18H00** **JOSEPH DANAN**
Um espaço para o pensamento
- 18H30** **NUNO RIBEIRO LOPES**
Nada para além de mim e do meu corpo
- 19H00** **DEBATE** moderado por **TERESA ALBUQUERQUE**

Com a presença do senhor Presidente da Câmara Municipal de Caldas da Rainha, Dr. Fernando Tinta Ferreira.

COMPANHIA FINANCIADA POR:



TEATRO, ESPAÇO, VAZIO E DEMO- CRACIA



TEATRO DA RAINHA